

TEMPOS LIVRES





nós, que herdamos o mar e o vento

LUÍS REI / Diz o tópicos que a Galiza tem mil rios e dous mares. O certo é que no que fai ao universo fluvial o dito semelha ajustar-se bastante à realidade, mas no tocante às águas salgadas seguramente fica escasso, porque a Galiza tem moitos mais mares que dous. Cada ria, mesmo poderíamos dizer que cada porto, é um mundo distinto. É por isso que se fala do mar de Arouça, do mar de Ferrol, e de tantos outros mares, recolhidos na talassonímia, na tradición oral e na literatura.

Nom se deve esta variedade de nomes a um exacerbado localismo “enxebre” de atrasados aldeaos das ribeiras, nom –o mar é a mais grande via de comunicao que os humanos tivemos na historia e,

guardando cada porto os segredos da sua tribo, som as gentes da costa sabedoras das influencias recebidas doutros mares (e outras terras)- nomeamos assim os nosos “mares” porque a costa que habitamos é diversa e intrincada, inçada de rias, esteiros, areais, coídos, cantis, rebastaus... um mar em que os múltiplos ecossistemas geráram muito diversas maneiras de viver e trabalhar nesse ambiente. A relaom entre esta costa diversa e feraz e os seus moradores deu lugar, logicamente, a infinidade de manifestações culturais.

Os moradores deste Fim da Terra temos umha longa trajectória de interaom com os oceanos. A nossa historia marítima nom é anedota complementar da nossa historia mas um facto transversal e recorrente, algo que está no cerne mesmo da nossa evoluom como comunidade humana: há petróglifos

da Idade de Bronze que desenham barcos, concheiros em todos os castros litorais, salgadeiras de peixe nas vilas romanas da costa, sardinhas, é que no tempo dos castros o mar era fonte de alimentao, sardinhas e lanchas na intra-historia do monacato galego, barcos que trouxerom pestes, artes de pesca que induzirom a primeira industrializaom... Enfim, que somos, nos versos de Darío Xohán Cabana e na realidade histórica, “Pátria do mar”.

Mas os presentes acostumam a ser implacáveis com a historia (e isso nom tem por que ser mau se tal presente nom arruina o futuro) e o mesmo evoluir da historia vai trocando umhas manifestações culturais por outras novas, que tambem rematarám sendo etnografia.

As mudancas na paisagem, nos jeitos de produom, etc. das últimas décadas, fõrom tam profundas que fõgerom que muitas pessoas sentissem que um mundo cheio de saberes (e sabores) se estava a perder para sempre. Assim, por reaom natural, fõrom nascendo os colectivos que hoje trabalham para pôr em valor o património cultural (histórico, etnográfico e ima-

terial) dos nosos mares e rios. Por pura necessidade, pois, nasceu a Federaom Galega pola Cultura Marítima e Fluvial, criada em 1994 por apenas três colectivos da Ria de Arouça, entidade que hoje agrupa mais de quarenta associaom de Viana do Castelo a Ferrol, penetrando rio acima até Chantada e Vale d'Eorras. Em 1993 celebrou-se o I Encontro de Embarcaom Tradicionais da Galiza e, com esse motivo, juntárom-se em Ribeira um par de dúzias de embarcaom tradicionais, sobretodo dornas, salvadas de arder numha fogueira de Sam Joám e ganhadas para a divulgaom cultural e para o lazer das suas tripulaom, e no passado fim-de-semana celebrou-se em Muros a nona convocatória deste encontro bianual com barcos procedentes dumha dúzia de países e com mais dum cento de barcos galegos.

O vapor *Hidria*, o paillebote *Nieves*, o patache *Joaquín Vieta*, o galeom *Nuevo Sofia* ou o trincado *Ria de Ferrol* som magníficos exemplos de recuperaom de embarcaom de porte grande e mediano. Som empenhos colectivos que nos falam da vontade firme de particulares e colectivos

de mostrar um rico património ao mesmo tempo que se tentam novas formas de turismo respeitoso com o meio ou, simplesmente, se quer educar na valorizaom dos recursos próprios. Mas também as pequenas dornas marinheiras, que já chegam a passar das cinquenta nas suas regatas, ou a única e singular “barca de dornas” som exemplos dum movimento cultural em aberta expansom.

E onde está o segredo do êxito destas iniciativas? Se calhar numha memória colectiva disposta a nom perder todo um mundo que já passou mas que ainda se ama, mas seguramente tem muita mais força o desfrute pessoal. Os sabores recreados nas degustaom que costumam acompanhar estes eventos, a beleza estética das mostras de artesanato, o divertimento dos jogos tradicionais... e permitam-me que lhes diga qual é, para mim, a principal razom: quem provou a navegar só com a força do vento, sem o bruar de motores, sentindo unicamente o ranger das tábuas e o zoar dos cabos, volta a embarcar cada vez que tem ocasio. E você... já navegou nas nosas embarcaom tradicionais?

OS MORADORES DESTA FIM DA TERRA TEMOS UMHA LONGA TRAJECTÓRIA DE INTERAOM COM OS OCEANOS. A NOSSA HISTÓRIA MARÍTIMA NOM É ANEDOTA COMPLEMENTAR DA NOSSA HISTÓRIA MAS UM FACTO TRANSVERSAL E RECORRENTE

escola popular

um projecto de soberania
educativa para o País

PAULO VILASENIM / A Escola Popular Galega abrirá as suas portas no próximo mês de Outubro. O propósito do projecto é dotar a comunidade nacional galega dum espaço de autonomia no âmbito da educação a través de instituições próprias que possibilitem a cobertura dos lugares vazios que deixa a escola institucional da Espanha e do capital. Matérias como o feminismo, sociologia dos movimentos sociais, economia e consumo... perfilaram a linha pedagógica dumha escola que nasce gratuita por mor da iniciativa colectiva de mestres e activistas nacionalistas comprometidos com a libertação do país. A dimensão do projecto estende-se a nível nacional e em coordenação com os centros sociais espalhados por todo o território galego será como a EPG tente fiar umha rede de formação o mais densa possível. Ademais da presença nacional, a sede principal da escola situará-se na Rua Real do casco velho da cidade de Vigo.

Trimestralmente e com umha duração de curso académico, serão ministradas a partir de 2009-2010 as matérias previstas no catálogo que elaboram os membros do comité científico da escola. O acesso aos cursos será livre como umha verdadeira esco-

la popular e nesse mesmo caminho a EPG conta com o animo de fortalecer-se na experiencia ano após ano para converter-se numha alternativa que contemple a homologação dos estudos que nela se ofertem. Outras áreas de trabalho a desenvolver pola escola serão a realização de jornadas temáticas sobre a problemática galega, apresentação de livros e palestras.

Além da actividade docente, a EPG contará no seu espaço viguês com umha nutrida biblioteca de obras gerais e também com um arquivo de materiais do nacionalismo histórico. Para imprimir-lhe um carácter dinâmico e participativo ao projecto, também se disponibilizará umha hemeroteca e filmoteca para os sócios da escola, com vistas à construção dum clima de convívio e debate político normalizado.

Associação galega de maes e pais Agarimar

Aproveitando as instalações da EPG, um grupo de pais e maes do país, criaram a Associação Agarimar com o fim de tapar outro dos períodos mais desprotegidos para obter umha educação em galego: o da infância.

Com a saída do bipartido da Junta, o novo governo do PP decidiu cerrar as Galescolas para convertê-las mais umha vez em centros de ensino espanhóis. Cientes da importância que tem a educação para as crianças, as pessoas que formam Agarimar nom quixerom aguardar mais por umhas instituições que nom os representam. O seu projecto dirigido às crianças tem como eixos a educação em valores anti-capitalistas, nom patriarcais, comunitários e ambientais. Este labor fai possível pela primeira vez a possibilidade dum ensino 100% galego desde a infância para as crianças.

A EPG para o soberanismo

As casualidades do destino quixerom que este ambicioso projecto nasça e medre dentro das paredes do local viguês no que as placas de imprensa pariram a primeira tiragem dos Cantares Gallegos, obra insigne do Ressurgimento. Desde aquela som muitas as batalhas e luitas acumuladas polo nacionalismo galego, mas escassas e pouco

consolidadas as ferramentas chave que garantam a soberania dos galegos como povo. A escola institucional foi e é o instrumento principal de doutrinação e obediência que o Estado utiliza como difusor dos valores da classe dominante. Contra isto, a comunidade nacional galega pretende dotar-se desde já das peças próprias que contribuam para contra-restar a balança da dominação. Umha

dessas peças é a EPG que desde a modéstia contemporânea vê-se herdeira dumha tradição educativa que lhe roubáram à Galiza: as escolas das Irmandades da Fala impulsionadas por Anxel Casal, as quais derom "fartura de corpo e espírito" como diria Castela, a umha geração de galegos perententes já à nossa memória colectiva coma som Carvalho Calero, Avelino Pousa, etc.

ALÉM DA ACTIVIDADE
DOCENTE, A EPG CON-
TARÁ NO SEU ESPAÇO
VIGUÊS COM UMHA
NUTRIDA BIBLIOTECA
DE OBRAS GERAIS E
TAMBÉM COM UM
ARQUIVO DE MATE-
RIAIS DO NACIONALIS-
MO HISTÓRICO, ASSIM
COMO HEMEROTECA
E FILMOTECA





a PiTa

Existem muitas maneiras de jogar e este jogo, em que a pessoa que "apan-da" deve perseguir as demais até pilhar alguém, que passa a converter-se no perseguidor. Esta seria a variante mais simples, mas há outras. Está o "tuli-pão", também chamado cuba livre, no que as pessoas que escapam podem evitar ser pilhadas berrando túli ou cuba. Quando fam tal, devem ficar paradas no sítio até que um companheiro lhes devolva a capacidade de correr (livra-as), bem simplesmente tocando-as, ou passando por baixo das suas pernas ao berro de pão ou livre, dependendo da modalidade. Também existe a pita altura, na que basta subir-se a um alto para evitar ser pilhado, ou a pita televisão, na qual deve dizer-se o nome dum programa da tv para se imunizar.

a CHAVE

Existem diferentes modelos de chave dependendo das zonas. Mais a finalidade do jogo é basicamente a mesma: atinar com os pelhos ou pesos (peças redondas de pesado metal) na chave.

Em Trás-Ancos, joga-se em equipas de três, com cinco pelhos por pessoa, e a linha de lançamento está a 10,5 metros da chave. Estabelece-se uma ordem de lançamento, que alterne uma pessoa de cada equipa. Quando alguém atirar, outro membro da sua equipa pode estar acarão da chave e movê-la segundo lhe convenha ao seu companheiro. Para que a chave seja válida, a pá terá que dar uma volta completa. Se o pelho ressaltar no chão, não vale, mais sim se dá em qualquer parte da armação e depois fai virar a aspa.

Em Ourense, a linha de lançamento está a 20 ou 30 passos da chave. Normalmente, jogam duas ou três parelhas, mais pode fazê-lo uma só. Cada pessoa lança quatro pesos. Os tantos conseguem-se por bater nas aspás, ou por proximidade ao eixo. Um toque nas aspás suma 8 tantos, e o peso mais próximo do eixo suma 1. Os jogos são a 60 tantos. Em cada quenda, os tantos iguais dos jogadores anulam-se, anotando só os excedentes.

Em Compostela, a linha de lançamento está a 14,20 metros. São precisas duas parelhas para jogar, tirando em cada quenda da parelha dous pelhos cada membro da mesma. Os jogos são a 100 tantos. Os pelhos que dão na chave valem 8, e os que não contabilizam-se por tantos segundo a sua proximidade da chave.



Trás-Ancos



Ourense



Santiago de Compostela



'de toda a Vida'

"O SER HUMANO COSTUMA JOGAR DURANTE TODA A SUA VIDA. JOGAR NÃO É UMA MODA, TODO O MUNDO PODE E DEVE BRINCAR"

BRINQUEDIA, JOGOS TRADICIONAIS PARA MAIORES, PARA MENAS E PARA MENOS



a corda

São precisas um mínimo de três pessoas para este enredo (duas dão á corda e outra salta). Pode-se saltar sem mais ou introduzir canções como a que segue:

Cuco rei, cuco rei, quantos anos durarei, vinte e cinco, não o sei. A partir daí, começam a contar-se os saltos que aguenta a pessoa a quem lhe toca saltar.

Se há mais de três pessoas, também se pode brincar ao Relógio que dá a hora: as pessoas que dão dim "uma vez, uma hora" (todos os participantes devem saltar uma vez e saírem), "duas vezes, duas horas" (todos saltam duaz vezes e saem", e assim até saltarem seis vezes seguidas.

Texto e Ilustrações de SOLE REI

Todas guardamos lembranças dos jogos da infância, dos recreios e das tardes inteiras a enredar pola rua, no parque ou polas corredoiras. Jogávamos às agachadas, à pita, à goma, ao pano, ao brilé, à mariola (também chamada caldeirão ou madana), aos pelouros, às bolas, às chapas, a sangue, a há lume (ou fume) nesta casa?, e a centos de cousas mais que nunca tinham nada a ver com dar-lhe a um comando desde um sofá. Mas, a quem mais e a quem menos, custa-nos lembrar como era exactamente aquilo do "tulipão" (tulipa), ou aquela cançozinha que cantávamos ao saltar à corda.

Nos últimos tempos estão a tomar pulo numerosas iniciativas que procuram a recuperação dos enredos de toda a vida e que implicam associações, colectivos e mesmo centros de ensino. Têm-se criado ligas de birlos, de chave e de bilharda; o CEIP de Esteiro, em Ferrol, e o CEIP Mosteiro de Caaveiro, na Capela, têm incorporado os jogos tradicionais às suas dinâmicas de ensino; e foram criadas infra-estruturas

intimamente relacionadas com o mundo do jogo, como o Museu do Joguete, em Alhariz, o MUPEGA, em Compostela, ou o Palao, em Ourense.

É de destacar, além disso, a Rede Galega do Jogo Tradicional Brinquedia, que está a trabalhar activamente para criar uma rede de informação e comunicação entre todas as iniciativas dedicadas aos jogos tradicionais, assim como para a reabilitação dos jogos tradicionais e do património lúdico galego e para a sua difusão e promoção.

A seguir, achegamos dados sobre alguns enredos "dos de toda a vida". Mais não chegaria este jornal inteiro para falarmos de todos os jogos que praticaram os nossos avós, e ainda nós mesmas, e que devemos ser quem de ensinar às pequenas de manhã. Polo que, a quem estiver interessada, recomendamos-lhe o site web da Brinquedia: www.xogospopulares.com, assim como *O libro dos xogos populares galegos*, no que Paco Veiga recolhe em claras fichas as explicações de 123 jogos tradicionais.



O Passa Perico

Neste jogo, duas pessoas agarram-se das mãos formando uma ponte mentres cantam "passa Perico, passa Monteiro, polas portas dos carabineiros. O de diante corre moito e o de atrás aí quedará", mentres os outros participantes vão passando por baixo. Quando remata a canção, a pessoa que fique debaixo da ponte deverá escolher entre duas palavras, previamente acordadas polos que ficam, que lhe serão ditas ao ouvido. O apanhado passará a situar-se em fila detrás do possuidor da palavra escolhida. Quando já não fica quem passe pola ponte, as equipas enfrentados turrám, agarrando-se das mãos, para cadanseu lado, até conseguir uma equipa que a outro traspasse uma raia traçada no meio.



PROJECTOS DE ECONOMIA SOCIAL ESTENDEM O DEBATE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESQUERDA E MERCADO

ANTOM SANTOS / A Galiza já conta com duas novas iniciativas de economia social, ligadas a movimentos populares, e promovidas por activistas insistentes em articular bancos de recursos para as pessoas e os projectos transformadores. Em meses passados, constituíam-se na nossa terra Fiare, a delegação autóctone da banca ética, e Coop57, uma estrutura de apoio à economia cooperativista. Somam-se a uma já longa lista de iniciativas de base, insistentes em matizar – aqui e agora – as relações mercantis que todo o empapam. NOVAS DA GALIZA dá voz aos promotores e analisa coincidências e divergências dos projectos.

Na militância dos movimentos galegos, certas denominações começam a fazer-se familiares: redes de troca, cooperativas de consumo, cousatecas, comedores populares, banca ética ou serviços financeiros. Iniciativas diversas, por vezes activadas de tendências políticas divergentes, que coincidem num ponto: habilitar serviços sociais que assegurem uma vida mais digna para a gente, mudando as relações mercantis dominantes nas sociedades do capitalismo senil. O anticapitalismo pode ser o guieiro e o motor confesso dos projectos, mas também pode dominar o desejo de moderar os efeitos da economia desbocada. Nesses casos, o inimigo apresenta-se como “neoliberalismo”, uma espécie de capitalismo que virou perverso, e que cumpre corrigir. As focagens variam segundo a filosofia das pessoas impulsoras.

Humanizar a banca?

Pascual Serrano falou dum “golpe de Estado encoberto” para definir a ajuda milionária à banca, de maneira que os responsáveis directos pela crise que abala o mundo recebêrem o estímulo entusiasta do governo. Enquanto a maioria da população recebeu a nova entre o desencantamento e o medo, pequenos sectores críticos pensam possível humanizar as finanças. Assim nasce a banca ética, um projecto que pretende “um

ponto de encontro entre aforradores e aforradoras que partilham a exigência de gerir responsabilmente o seu dinheiro”. O projecto Fiare, contam-nos os seus protagonistas, “nom rejeita as finanças tradicionais, mas aspira a reformar os valores sobre os que se funda”. Fiare, que abriu em Junho uma delegação galega, pretende criar a primeira cooperativa de crédito do Reino de Espanha em 2011, mas já funciona promovendo depósitos e empréstimos graças à ajuda de Banca Popolare Ética, sediada na Itália. Fiare criou-se em 2003 no Estado espanhol, estendendo-se pelo País Basco, Catalunha e Espanha. Na sua delegação galega, participam colectivos como Altermundo, ADEGA, Sindicato Labrego Galego ou Verdegaia.

De Fiare, acham que a mercadoria nom tem porque dominar inevitavelmente as relações sociais, senom que som as próprias pessoas as que podem caminhar para porem os valores em primeira linha das suas prioridades. Apoiados numha importante elaboração teórica, de Fiare entendem que cumpre contemplar o crédito como “mais um direito humano”, que nom tem validade prática se todos os aforradores pensam exclusivamente em “maximizar o lucro através do seu património ou dos seus investimentos”. Estivermos de acordo ou nom com esta definição, o certo é que, na prática, o acesso a liquidez financeira, e portanto ao crédito, outorga nas nossas sociedades a cédula de cidadania, e um acesso a um nível de consumo impossível sem ajuda bancária.

Num contexto capitalista como o que vivemos – “neoliberal”, por palavras de Fiare – o crédito “é umha ferramenta financeira que devemos utilizar em prol dos desfavorecidos”. E portanto, trata-se de aproveitar as próprias categorias capitalistas, insuflando-as de valores: “se o actual sistema de crédito nom cumpre as nossas expectativas como aforradores, investidores ou consumidores, temos que activar outro novo”. O “homem económico” inventado polos liberais há trescentos anos, calculador, maximizador e individualista, pode-se redireccionar, segundo os promotores da banca ética, para pô-lo a trabalhar nas maos da solidariedade.

Cooperativismo e terceiro sector

Em coordenadas um bocado diferenciadas, mas atingindo parecido sector dos movimentos, articula-se na Galiza Coop57. Os seus princípios som os da banca ética e, nesse sentido, partilham ponto por ponto a filosofia de Fiare: “transparência, participação, reflexom contínua, solidariedade, compatibilidade e coerência”. Dezasseis colectivos venhem de activar a sua delegação nacional numha juntaça celebrada no bairro do Castinheirinho, em Compostela. A linguagem é bem mais contundente, e revela umhas intencões bastante claras. Talvez isto tenha a ver com a própria origem do projecto. Coop57 nasceu em finais da década de 90, quando as 57 vítimas dumha regulação de emprego na editorial Bruguera, na Catalunha, se decidiram a activar umha cooperativa de serviços

financeiros “caminhando para umha sociedade pós-capitalista”. Com os recursos obtidos pola liquidação, depois dumha luta obreira dura e mantida, os trabalhadores organizaram Coop57, além e enviar remessas importantes de dinheiro ao Sindicato de Obreros del Campo, de Andaluzia, e aos revolucionários sandinistas. A ideia da que parte o projecto inicial, e que agora se efectiva na Galiza, é pôr em andamento um terceiro sector sócio-económico baseado em vários pilares: a utilidade social dos projectos de emprego, que nom contemplam o lucro como motivação fulcral; as condições de trabalho dignas dos seus membros; o regime cooperativista em que vivem as pessoas implicadas. O ecologismo, a formaçom alternativa ou a soberania alimentar som alguns dos princípios reitores deste cooperativismo galego, o que se torna visível nos colectivos que a formam. Assim, topamos projectos de auto-emprego baseados na educação ambiental, no ensino ou no consumo consciente.

Com o intuito de estender este terceiro sector, incipiente na Galiza, Coop57 oferece três tipos de ajuda económica: créditos para o investimento, financiamento para circulante, e mesmo adiantos de subsídios: “ainda que isto último –dizem– nom é o que mais nos interessa, porque nós queremos criar ou manter emprego, e nom salvar a administração”.

O debate aberto

Independentemente da sua filiação concreta a umha determinada família do ardis-

mo e a esquerda, na Galiza já ninguém vai poder obviar o debate sobre a economia social. Um debate mui vivo e polémico, “quicá impreciso de mais, porque as posições nom están fixadas de todo, e nunca se abordou, num encontro aberto a todos, as possibilidades destes novos nichos de sociabilidade e intercâmbio”, dizem-nos do Sem um Cam, de Ourense, um centro social de empréstimo de bens que funciona sem dinheiro. E com efeito, as opções variam numha ampla gama de matizes. Há quem desconsidere, na esquerda, iniciativas como estas, por vê-las apenas pequenos paliativos na tolémia mercantil, que afastam do objectivo real do combate político de rua e da tomada do poder. Ou, num extremo oposto, situado numha economia social mais radicalizada, apoiada na ajuda mútua sem dinheiro, quem desconfie das suas possibilidades: “as cooperativas, por justas que forem, funcionam numha economia de livre mercado movida polo lucro, e rematam sendo devoradas por esta lógica. Para sobreviver nom resta outra possibilidade que ingressar dinheiro, e o dinheiro nom entende de cousas justas nem injustas”, comentam do Grupo de Estudos A Fouce, que tem umha linha de debate aberta sobre economia social e terceiro sector. Para além dos debates, semelha claro que os frutos dumha hipotética economia social galega virám da implicação e do trabalho na base.

Refrescar a gorja, e a língua

Um novo refrigerante de nome *Galicola* sairá em agosto



EDUARDO MARAGOTO/A ideia não é original, existindo projectos semelhantes um pouco por todo o mundo. Estão inspirados na fenomenal expansão da Mecca-Cola, um refrigerante que causou e causa furor nos países árabes, nomeadamente no Oriente Médio. De forma paralela, este novo produto de selo exclusivamente galaico pretenderia socavar a imagem da Pepsi e da Coca-Cola, símbolos do modelo de consumo americano, contribuindo ainda para o financiamento de uma causa justa; neste caso, a promoção da língua.

Um reduzido grupo de pessoas acabou de pôr em andamento a associação cultural Fontaira com o objectivo de gerar este novo produto em garrafas plásticas de 33 centilitros e meio litro. Contam com recursos suficientes para começar a distribuí-la em Agosto; a partir daí, reconhecem, o futuro do projecto dependerá do sucesso do próprio produto, de nome Galicola. A marca lembra a superconhecida Mecca-Cola, um produto que chegou a distribuir-se no Estado espanhol através de uma ONG de solidariedade com Cuba, a *Haydée Santamaría*. Esta associação deixaria mais tarde a distribuição, que começava a desfrutar de certo mercado no mundo alternativo, segundo a imprensa empresarial por não ter suportado a pressão dos meios que a relacionavam com a resistência árabe, ao ter aparecido de modo casual na instrução do 11-M. Porém, à diferença daquela, que só reserva uma parte do ganho a associações humanitárias que trabalham nos territórios palestinianos ocupados, a Galicola vai destinar todo o lucro à língua do país, que, segundo nos explica um dos promotores, está especialmente necessitada nestes momentos: "No movimento normalizador existem muitos projectos e muita mais gente a trabalhar da que havia há dez anos. Toda essa gente tem muitas ideias, mas a falta de dinheiro acaba por ser o pretexto para não as levar adiante. Não queremos que o dinheiro seja uma razão para não avançar."

Não é uma empresa

A importância desta ideia que os criadores da Galicola querem transmitir é tal que figura em primeiro lugar entre os pontos incluídos nos princípios fundacionais. Traduzido, isto quer dizer que ninguém vai lucrar com o novo refresco, e todo o ganho (o que restar depois do pagamento dos custos de fabricação, distribuição e salários) será destinado ao movimento normalizador. A vocação normalizadora da Galicola reflecte-se em que 5% de cada venda irá parar a um *Fundo polo Galego*, intocável, estejam como estiverem as contas gerais da Galicola. Desta maneira, "qualquer pessoa terá a certeza de que uma parte do que paga pelo refresco acabará a financiar um festival, um meio de comunicação, uma associação polo idioma, uma escola monolíngüe, um centro social, uma campanha de sensibilização..."

A forma de tornar possível esta colaboração será o *Concurso Angelo Casal* (em homenagem a um mecenas da língua fusilado pelo franquismo), que esvaziará, cada 17 de Maio, o *Fundo polo Galego*. Qualquer entidade sem ânimo de lucro que não tenha ganho a anterior edição poderá apresentar uma única candidatura que defenda ora a sua actividade pró-normalizadora em termos globais ora uma actividade concreta em prol do idioma. O destino que cada colectivo dará ao dinheiro recebido também será publicado com antecedência na página web da Galicola, para ser consultado por eventuais votantes ou participantes no concurso. A normativa (a etiquetagem fará-se em reintegrado) não será um

problema para participar, desde que as candidaturas sejam entregues dentro do prazo (entre Setembro e Dezembro).

Quanto mais beberes, mais votas

Assim que sejam publicadas as candidaturas participas na página web (em Janeiro), começa a votação, intimamente ligada ao consumo do produto entre Janeiro e Maio. A etiqueta de cada garrafa poderá tornar-se num voto se a pessoa consumidora assim o desejar e as vezes que desejar, podendo enviá-las por correio postal ou introduzi-las em urnas instaladas em centros sociais e bares de todo o país. Assim, até o 17 de Maio, a data em que os votos serão contados e o dinheiro do *Fundo polo Galego* será distribuído entre os dois projectos mais apoiados.

"Não bebas de forma idiota, bebe de forma voluntária"

Este é o slogan que aparece nos produtos Mecca-Cola, que vende dous milhões de garrafas mensais em 60 países. O seu criador, de origem tunesino, explica assim a política de vendas: "Consumir o nosso produto é um acto de protesto contra o imperialismo americano. Qualquer pessoa que compre uma garrafa de Mecca-Cola está a realizar um acto de protesto contra a política americana e contra os crimes do sionismo". A marca, que já foi criticada por alguns islamistas por banalizar o nome da cidade santa e por combater o poder

TODO O GANHO DA
GALICOLA SERÁ DESTINADO AO MOVIMENTO NORMALIZADOR.
5% DE CADA VENDA IRÁ PARAR A UM
FUNDO POLO GALEGO QUE SE REPARTIRÁ ANUALMENTE ENTRE PROJECTOS DE DEFESA DA LÍNGUA.

das multinacionais criando outra igual, é líder no Oriente Médio, tendo chegado a inspirar um refrigerante semelhante no Reino Unido (a Qibla Cola). No entanto, a marca precursora deste género de produtos provém do Irão, a Zam Zam Cola, que conta com 16 fábricas e chegou a ter um grande sucesso na Arábia Saudita pelo seu compromisso com o mundo muçulmano.

Consegue já o CD

Vozes Novas

1.- **BONOVO. SEXTA**

2.- **BANDA POTEMKIN. PENSIONISTAS (INÉDITO)**

3.- **TARU E OS PAXAROS COIRO. A XENTE MÍNTESE (INÉDITO)**

4.- **ATAQUE ESCAMPE. A ABORDAXE FINAL**

5.- **NOVEDADES CARMINHA. MATA A TEU PAI (INÉDITO)**

6.- **THE HOMENS. ILHA FORMOSA (INÉDITO)**

7.- **PROJECTO MOURENTE. QUERO QUE ME ABORREÇAS (INÉDITO)**

8.- **FANNY E ALEXANDER. PÍNTAMAS DE ESCURO**

9.- **GALEGOZ. APOCALIPSE AGORA (INÉDITO)**

10.- **SACHA NA HORTA. AMODINHO (INÉDITO)**

11.- **FESTICULTORES. TI TU TI TU TI (INÉDITO)**

12.- **SKÁRNIO. VENHA MAIS UMHA (INÉDITO)**

13.- **ZIMMER 103. QUEDA MOITO POR SACHAR (INÉDITO)**

14.- **NAO. DECLARÁMONOS CULPABLES**

15.- **CHIQUILICUATRES. JÚSTAMI LLOM (INÉDITO)**

16.- **OS 3 TREBÓNS. RAPSODIA (INÉDITO)**

17.- **O EN-RIQUINHO (ARREMECÁGHONA'S PRODUÍONS). EU NUNCA SEREI YO (REFRÁM SOBRE UMHA IDEIA DE SÉCHU SENDE) (INÉDITO)**

18.- **PLANETA GRELOS. LICOR DO NEGRO CAFÉ (INÉDITO)**

19.- **MAGNIFIQUE BAND. A NIGHT IN BANDEIRA (INÉDITO)**

Vozes Novas reúne unha interessante selección do panorama musical de 2009 con 15 temas inéditos. Editado polo Novas da Galiza con a colaboración de Komunikando, pretende juntar os esforços e ilusões de ambos proxectos para a difusión da comunicación alternativa.

Se és assinante do Novas da Galiza, solicita grátis o teu CD em assinantes@novasgz.com ou telefonando para o 692060607. Podes recollê-lo em mao no nosso local ou bem recebê-lo no teu domicilio pagando os gastos de envío.

E se pensas em fazer-te assinante, este é o teu momento, pois com a tua subscrição levarás grátis o CD deste verao. Podes comprá-lo chamando o tñne. 692060607 ou enviando a tua solicitude a encomendas@novasgz.com.

NOVAS DA GALIZA procura com este CD ofrecer ao seu público o resultado da confluência de dous proxectos comunicativos, um jornalístico e outro musical, Komunikando, que coincidem na defesa de um espaço de trabalho e difusión galego veiculado, como nom podía ser de outra maneira, em galego.

Quer contribuir para a uniom e difusión deste importante tecido musical que utiliza a expressom artística para também comunicar de maneira independente e livre.

Como referente de informaçom crítica, o Novas da Galiza quer apoiar todas as expressons que, "produto da imaginação e da inteligência humana, contribuírem para a solidariedade e o bem-estar geral", como afirma nos seus princípios fundacionais.

E queremos mostrar o nosso sincero agradecimento pola colaboración desinteressada que prestárom ao nosso jornal tanto Komunikando como os grupos que contribuírom para fazer realidade este CD.

Eis as Vozes Novas, os berros frescos e directos que fam do panorama musical de 2009 unha impresionante realidade com um futuro mais que prometedor.

KOMUNIKANDO é um ponto de encontro na música galega, e em galego, nom subvencionada. Tenta ser fórum de debate para questionar o panorama vigente, reconhecer carências, criar umha base estrutural, e sobretudo para mostrar...

Aqui culiivam-se todas essas vertentes musicais que alimentam o mundo discográfico internacional. E aqui se mostram.

E já vai para cinco anos!

fai-te assinante do

NOVAS DA GALIZA

— PERIÓDICO GALEGO DE INFORMACOM CRÍTICA —

... e leva grátis o cd

VOZES NOVAS

80n^{OS} de informaçom crítica avançando contigo

Se és assinante do Novas da Galiza, solicita grátis o teu cd em assinantes@novasgz.com ou telefonando para o 692060607. Podes recollê-lo em mao no nosso local ou bem recebê-lo no teu domicilio pagando os gastos de envío.